

# IN TRASE TO

A exposição In Transe To (em trânsito) surge da Residência Margem Visual do Mó Coletivo, na qual as curadoras Carolina Rodrigues, Mery Horta e Renata Sampaio, reuniram um grupo de oito artistas advindos de territórios periferizados da cidade do Rio de Janeiro, selecionados através de convocatória pública. Por meio de diferentes suportes e materialidades, as artistas Alana Crem, Gabe Ferreira, Jesus Suave, Lucas Bem-aventurado, Manu Gomez, Mariana Dias, Mayara Assis e Medusa Yoni desenvolveram suas poéticas a partir do trânsito pelos transportes públicos do Rio com ênfase em três modais: trem, ônibus e metrô. Nas galerias 1, 2 e 3, do Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica, localizado na região central da cidade do Rio de Janeiro, entramos em contato com o resultado dessa série de encontros e reflexões coletivas em movimento pelo Centro, Zona Norte e Zona Oeste da cidade.

# SUMÁRIO

**06**

**APRESENTAÇÃO**

Sobre a residência Margem Visual

**08**

**RENATA SAMPAIO**

O modal é o ateliê

**10**

**ALANA CREM**

Herança | Vestígios do (eu) cotidiano

**16**

**GABE FERREIRA**

Um é dois, três é cinco | Deixe o que tiver, leve o que puder

**24**

**CAROLINA RODRIGUES**

Da janela para o improvável

**26**

**JESUS SUAVE**

Oferta de sacrifício | fui no rj e lembrei de vc |  
Mapa geoafetivo Engenho de dentro de mim I e II

**34**

**LUCAS BEM-AVENTURADO**

Novo Rio S.A. | Greatest Hits of Brazilian Pop

**41**

**MANU GOMEZ**

Insurgência | Enlatados

**46**

**MERY HORTA**

Da vigília ao transe

**48**

**MARIANA DIAS**

Eu e você, entre o céu e a terra | O que há entre nós

**54**

**MAYARA ASSIS**

Olhe para mim e vejam | Cantos da contramão | Para se demorar

**62**

**MEDUSA YONI**

Terra, Corpo e Memória

# MARGEM VISUAL

O Mó Coletivo, composto por Carolina Rodrigues e Mery Horta, em parceria com a curadora Renata Sampaio, realiza a primeira edição do Margem Visual: programa de residência e tem o prazer de apresentar este catálogo.

A exposição *In Transe To* e todos os trabalhos nela reunidos são parte de um período de dois meses de residência artística realizada a partir de proposições e acompanhamentos com a participação de oito artistas cariocas que foram selecionados a partir de uma convocatória aberta e gratuita.

Esta primeira edição da residência Margem Visual aborda a temática do trânsito pelos transportes públicos da cidade do Rio de Janeiro, em especial o metrô, o trem e o ônibus. Os encontros da residência foram realizados entre o Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica, o Centro de Artes Calouste Gulbenkian e em movimento pela cidade.

De trem da Central do Brasil até a estação final do ramal Santa Cruz na Zona Oeste, de metrô da Central do Brasil até a estação final da linha 2 na estação Pavuna na Zona Norte, de ônibus do Centro até o ponto final da linha 393 no bairro de Bangu na Zona Oeste. Ao longo dos percursos, comuns à vida de grande parte das pessoas advindas de locais periféricos do Rio, foram realizados diversos exercícios orientados pelas curadoras e que estimulavam o desenvolvimento de outras camadas de percepção desses trajetos e dos próprios transportes.

Além dos exercícios, diversas referências, discussões, trocas entre o grupo, foram a base para a pesquisa e criação de cada artista dentro das suas próprias afinidades, materialidades e linguagens artísticas. Nesse catálogo, trazemos textos das curadoras sobre cada artista acompanhado de forma mais individual ao final do processo da residência, textos dos próprios artistas sobre seus processos criativos e trabalhos, além de fotos que trazem um pouco do fluxo de ideias e atravessamentos presentes em *In Transe To*.

Desejamos a todes uma boa leitura.

Fotografia: Fábio Souza







# O MODAL É O ATELIÊ

## RENATA SAMPAIO

Essa exposição nasce da centralidade que o transporte público ocupa na vida do artista periférico. Aqui nós deslocamos o olhar mecanizado do dia a dia e pensamos o transporte não só como meio, mas sendo ele próprio o lugar da criação e da experimentação artística. Juntas, em residência, artistas e curadoras periféricas, sempre empurradas socialmente a sair do seu território para poder exercer seu ofício, deslocamos a própria referência do que convencionamos chamar de arte e voltamo-nos ao deslocamento não mais como um peso, mas como uma característica que nos une e nos faz ver a arte de uma outra forma. Os modais e tudo que acontece dentro deles serviram de inspiração para os trabalhos: as pessoas, os sons, os gestos, a movimentação, a sociabilidade, os deslocamentos paisagísticos, as possibilidades de renda, etc. Tudo é material simbólico e estético. O modal virou ateliê e os camelôs nos ensinam sobre organização, estética e performance. Os pedidos de ajuda - financeiros e de outras ordens - nos fazem pensar sobre políticas de visibilidade. As múltiplas sensorialidades de balas, doces, biscoitos e bebidas à venda nos dão o tom. O centro muda de lugar. O centro é uma invenção e a gente te convida a se deslocar com a gente.



# ALANA CREM

*Alana Crem (Rio de Janeiro, 1998) é fotógrafa e artista visual. Nascida e criada em Guaratiba, se define como uma suburbana em movimento, utilizando a fotografia como principal linguagem para construir narrativas sobre território. Participou da exposição “Olhares e Territórios” em Salvador (MAB, 2025); assinou a curadoria da exposição “Negro Lugar: Nossas perspectivas” no NuMA/UERJ e CCH/UENF (2024); integrou a mostra “Territórios Insurgentes” em Belo Horizonte (FUNARTE/MG, 2024).*

Quantas texturas, padrões, formas conseguimos nos dar conta durante um trajeto? Quantas texturas, padrões, formas nosso próprio corpo cria durante um trajeto? E se cada lembrança se tornasse uma impressão... e se cada percurso de vida fosse gravado como uma marca... cada pedra no caminho, cada friso, piso, beira, quina ou esquina. Quando entramos na rotina, no movimento cotidiano do transporte público, esquecemos muitas vezes de perceber o mínimo, de deixar o olhar vagar, seja pelo cansaço ou pela pressa toda uma visualidade deixa de ser notada. Em *Vestígios do (eu) cotidiano*, Alana Crem nos revela trechos de locais da cidade do Rio como peças de um quebra cabeça que não existe para ser montado, e sim observado em pedaços que existem por si só. Coletar e andar são verbos que compõem o vocabulário de Alana, e para ela, o segundo é do conhecimento de todo suburbano. Em *Herança*, a artista traz uma bandeira com uma frase que afirma um bem comum, quase como um patrimônio compartilhado, um acordo de sobrevivência: “Todo suburbano compartilha uma herança: aprender a andar”.

Fotografia: Fábio Souza

**Mery Horta**



**Vestígios do (eu) cotidiano**

2025

Técnica mista

Carvão e giz de cera sobre papel

10 peças de 148mm x 210mm



Comecei a residência investigando acervos familiares, entendendo a memória e as histórias como ponto de partida para a criação artística. Pensando a cidade, o movimento, a correria, o ir e vir, já tinha alguns anos que eu tinha chegado à conclusão de que andar é uma herança. Uma herança suburbana. A partir de um repertório de práticas da rua, que é passado de geração em geração, comecei a fabular como transformar esses códigos e as histórias da família em uma obra. Mas uma coisa importante em espaços como uma residência artística é estar atento e receptivo aos processos; o contato com outros artistas, e nesse caso, com a cidade, se tornou um grande impulsionador para a criação. Ir em grupo para diversos pontos da metrópole, com um olhar atento, escrevendo, fotografando, desenhando, fez com que ideias fossem surgindo. A cidade fala com a gente, estar em contato com seus movimentos fortalece nossas narrativas, posteriormente transformadas em visualidades. O que apresento como desfecho desse processo é um presente da cidade, seus rastros, seu ritmo e seus caminhos.

**Alana Crem**



### **Herança**

2025

Impressão sobre tecido

85cmx100cm

Colaboração: William Crem



# GABE FERREIRA

*Gabe Ferreira (São João de Meriti, 1997) explora a fotografia como um espaço de encontros e trocas. Sua produção artística está centrada na fotografia analógica, investigando como esse suporte revela histórias que atravessam tempos. Seu trabalho reflete uma fabulação contínua de narrativas sobre raça, território e memória, investigando as imagens por meio de sua fotoescrivência. Graduado em Letras (UFRJ) e atualmente mestrando em Preservação do Patrimônio Cultural (COC/Fiocruz), participou da residência Laboratório de Imagens (IMS/Imagens do Povo) e integrou exposições como “Negro-lugar: nossas perspectivas” (UERJ/NuMA | UENF, 2024) e “Nos dias de intensa chuva, todas as formas se turvam, toda conformidade se perde... E isso é tão bom” (Centro Cultural Correios, 2024).*

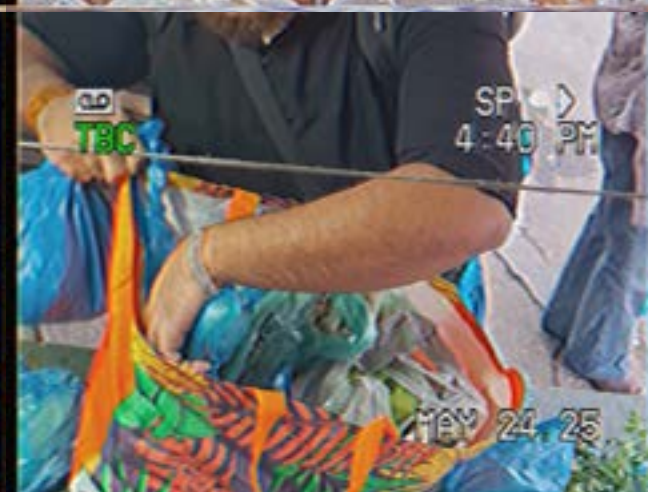
Gabe produz uma fotografia intimista, mesmo sendo de um contexto ordinário e populoso como um trem ou metrô lotado, ou a feira da Pavuna. Um olhar afetuosos do dia-a-dia que nos solicita algo em troca.

Na série *Deixe o que tiver, leve o que puder*, Gabe nos fala do tempo, dos trânsitos, dos encontros e desencontros possíveis do dia-a-dia atribulado; o que a gente deixa e leva do outro no andar das ruas, num esbarrar no transporte público, na compra e venda de um mastigável. A indicação da mãe de comprar uma fruta na feira para se alimentar entre os compromissos diários transformou a criança em um fotógrafo que quer nos fazer reparar nas imagens cotidianas enquanto alimento na correria do sujeito periférico.

Em *Um é dois, três é cinco*, a sacola de Gabe se abre pra trocar com a gente, nos presenteando com cores, sabores, cheiros e texturas. Existe um provérbio de Exu que diz que, se você pega e não deixa nada em troca, você na verdade está roubando. O quanto você está disposto a trocar?

**Renata Sampaio**







## Um é dois, três é cinco

2025

Vídeo + instalação

Edição: Benjamin Cipriano

Câmera: Alana Crem

Instalação - bolsas de rafia costuradas

1,20m x 1,40m | vídeo - 2'26"



Fotografia: Gabe Ferreira e Fábio Souza

## Santa Cruz

## Pavuna

## Bangu

Algun trap toca em um alto falante. Não consigo identificar quem canta. O corpo que segura o aparelho de som olha o caminho de trás para frente. Sinto vontade de perguntar o seu sonho.

*Do pequeno e do grandão, freguesa!  
Olha, quem vai querer o pacotão?*

Camelô, quanto custa?

*Bora Brahma, Antarctica G E L A D A*

Cheiro de carbono.

*No dinheiro ou no pix.*

Um cara faz joinha quatro vezes. Sua expressão se mantém intacta. Sua mão é quem comanda. Sinal para o ônibus parar.

*Sabe que o pai dá aulas, né?*

*Ainda tá rolando a promoção!*

Próxima estação: **PIEADADE.**

Alguém estica as pernas. Os sacos e bolsas se espremem no meio delas. O pé quase acha o espaço entre o trem e a plataforma. Ouço tossidas e plásticos friccionando as vozes. O cheiro que fica é de perfume barato e biscoito de vento. Não corre um entre os corredores. Fica a vontade de pular e esperar ele passar.

Há muito mais entra do que sai nas primeiras estações. A saída é um pouco mais pra dentro, um pouco mais pra baixo.

Sombras serpenteando os bancos e as bolsas. A água, gelada e embalada, mastiga a sede e cospe saliva. Ouço dentes mordiscando pipocas. Acho graça da cor de rosa no canto do olho. A voz anuncia as paradas. É preciso cuidado. É preciso escuta.

Olhos cansados encontram apoio nos ferros e nas janelas. Tento tirar a bolsinha de moedas da mochila. O vendedor grita seu produto e antes que eu abra na busca por um trocado, ele corre com suas caixas. Fica o silêncio e a vontade, ainda indigesta, no céu da boca.

A caminho de Quintino, peço que o santo me dê sua proteção. É sua lança quem fere o mal e o inimigo que se levanta contra meu corpo. Estou protegido pois estou com as roupas e as armas-palavras de Jorge.

## CASCA DURA

*Acende um aí*

*Juro pela minha sogra mortinha debaixo do trem!*

Uma mãe agasalha sua filha. Onde mora o frio dessa mulher? Em que pele se ouriça a brisa do outono? Em qual colo me resta o sono? Quem ouviu a próxima estação?

*OLHA A PELE, OLHA A PELE!!!*

Sou atraído pelo som das risadas. Uma criança me pede uma foto. Me pergunta se sai na hora. Fotografo uma

barraca. A vendedora faz biquinho e um sinal de paz com a mão. Dou risada.

Muita gente desce em Camará. Ouço Gil me contar que de saveiro leva uma eternidade. Vejo a roleta girar igual bailarina. Penso em fotografar, penso em andar, penso em sentar no chão, penso em entregar a câmera na mão de um estranho. No fim, só ouço o som ruidoso do metal desgastado de correr mundos.

Industrial luzes brancas.

Seguranças patrulham o vagão. O ar gelado abraça os corpos em fila. Pessoas sentadas no chão. Alguns cochilam, outros checam as mensagens. Alguém posta um versículo da bíblia no status do zap.

Dois entregadores com a mochila do Ifood.

Metrô balança igual o trem e sacoleja como o ônibus e é difícil de escrever.

Pastel. Ela dorme encostada. Solta o cabelo, ajeita o corpo, fecha os olhos. O cheiro de fritura se mistura com desodorante. Triagem.

### ***Atenção para o fechamento das portas.***

Areia de praia.

Muita gente desce no shopping. Muita gente desce em Vicente de Carvalho. Muita gente desce em Coelho Neto. O que sobra, se desova na Pavuna.

Silêncio entrecortado pelas engrenagens ruidosas e gastas novamente.

Um cria com o cabelo descolorido bolinha dá o papo.

De Kenner no pé, ouve seu som na tranquilidade.

*Aquela linda e boa tarde!*

*Bombom 4 por 2, 10 por 5, bombom da Arcor*

Quinze para as 16h. Uma bolsa de ráfia reciclável. Passa ligeiro pelos bancos.

As janelas sujas são um convite ao olhar e ao silêncio.

O primeiro vagão está cheio. Há pessoas empilhadas antes e depois da roleta. Ouve-se mais vozes.

No segundo, jovens dão gargalhadas. Quero ouvir também o que fazem eles riem e mostrarem as canjicas.

Som hostil de fechamento das portas. Rodas e pernas desenfreadas nos corredores. Trânsito de corpos num vai e vem frenético. Uma moto buzina dentro do ouvido do motorista. O urso pendurado dá um charme no retrovisor.

A grande cobra de metal. Palmeiras entre muros e arame farpado.

*É sim, lá em Acari.*

Tá chegando perto de casa. Peito aberto com cheiro de maracujá.

O som abafa a voz de quem canta a pedra. Engole a barriga e o desejo é o pausar do sopro.

Nós somos forasteiros.

Nós somos artistas.

Nós encontramos estratégias.

*Na Pavuna tem escola para o samba,  
quem não passa pela escola não é bamba.*

**Gabe Ferreira**



Fotografia: Gabe Ferreira





**Deixe o que tiver, leve o que puder**

2025

Tríptico

Fotografia analógica

Fotografia impressa em papel fine art

42x59,4 cm





# DA JANELA PARA O IMPROVÁVEL

## CAROLINA RODRIGUES

Aqui não tem jeito, todo mundo se encosta. E se esbarra, e se olha, pede alguma informação, comenta uma situação cotidiana. Troca algumas moedas perdidas na bolsa por um mastigável, passa um pix. Se une em coro para avisar que vai descer com criança, ou que é para ceder o assento preferencial. Faz uma oração, reclama da pregação alheia. Mas será que não dá pra usar um fone de ouvido??? Próxima estação: seus sonhos mais profundos. Um pedido de desculpas por ter adormecido no ombro de uma senhora. No desejo do encontro, decifrar um enigma: qual é o número, o ramal, a linha, que me leva até você? E dessa intimidade radical com o desconhecido, abrimos a janela para o improvável: os fluxos, as vias, os caminhos como espaços de criação. Na consequência de uma cidade moldada por periferações, artistas desenham diferentes coreografias para produzir encontros em trânsito, promovendo a difusão das fronteiras entre o real e o onírico, entre a sobrevivência e a possibilidade de imaginar. O inebriante movimento que vislumbramos pela janela se transforma nas vozes que anunciam o porvir, nas mãos que oferecem embalagens reluzentes, peles crocantes ou cartões postais, no imprevisto das vendinhas que surgem entre estações. E foi nesses mesmos gestos de troca — diretos, afetivos, inventivos — que se teceu também o processo da residência: um espaço onde ideias circularam como as frutas da feirinha da Pavuna e onde se trocou, também, cuidado, escuta, e nutrição. Ao partilhar dessa experiência, leve o que quiser, deixe o que puder.



# JESUS SUAVE

*Jesus Suave (Rio de Janeiro, 1990) é artista, escritor, professor e produtor nascido e criado na Rocinha. Mestre e atualmente doutorando em Filosofia da Arte pela UERJ, sua pesquisa atravessa a escrita, a palavra visual, o símbolo, o signo, o sagrado-profano e o rito. Seus trabalhos se materializam em colagens, vídeos e cartografias onde o pensamento filosófico encontra a experimentação estética. Integrou exposições como Cavalo de troia (Fabrica Bhering, 2022), Pequenos formatos (Galeria FFAC, Porto, Portugal, 2023) e Feira cultural LGBTQIA+ (Petrobras, 2024).*



Um guia imaginário de rastros, uma sequência de pistas que aos poucos desvelam caminhos conduzidos pelo afeto. Em *Mapa geoafetivo*, o artista Jesus Suave convida nossos olhos à passear por possíveis trajetos que se confundem entre o real e o imaginado. Ruas, avenidas, esquinas, pontos de sensações, desejos, encontros. Jesus cria uma cartografia do afeto pelas sinuosidades dos deslocamentos do corpo pelo Rio. E para essa cidade em chamas uma oferenda. Em *Oferenda de sacrifício*, a bandeira, e em *Fui no Rj e lembrei de você*, o cartão postal, são uma carta, um truque, um convite a conhecer uma cidade que arde muito além do sol e da praia do Rio 40 graus. Um calor muito mais próximo das ondas que criam miragens no asfalto quente, do cheiro de óleo velho e diesel do motor desregulado do coletivo, do sol que invade a janela e queima o braço do passageiro. Jesus queima um ônibus figurativamente evocando uma oferenda e uma lembrança que desatem todos os nós e abram os caminhos.

**Mery Horta**



**Oferenda de sacrifício**

2025

Bandeira, colagem digital

Impressão sobre tecido

140x100 cm

Fotografia: Fábio Souza



**Mapa geoafetivo,  
Engenho de dentro de mim I e II**

2025  
Pilot sobre papel kraft  
76x112 cm

**Fui no rj e lembrei de vc**

2025  
Colagem digital  
Impressão sobre papel cartão  
10x15 cm



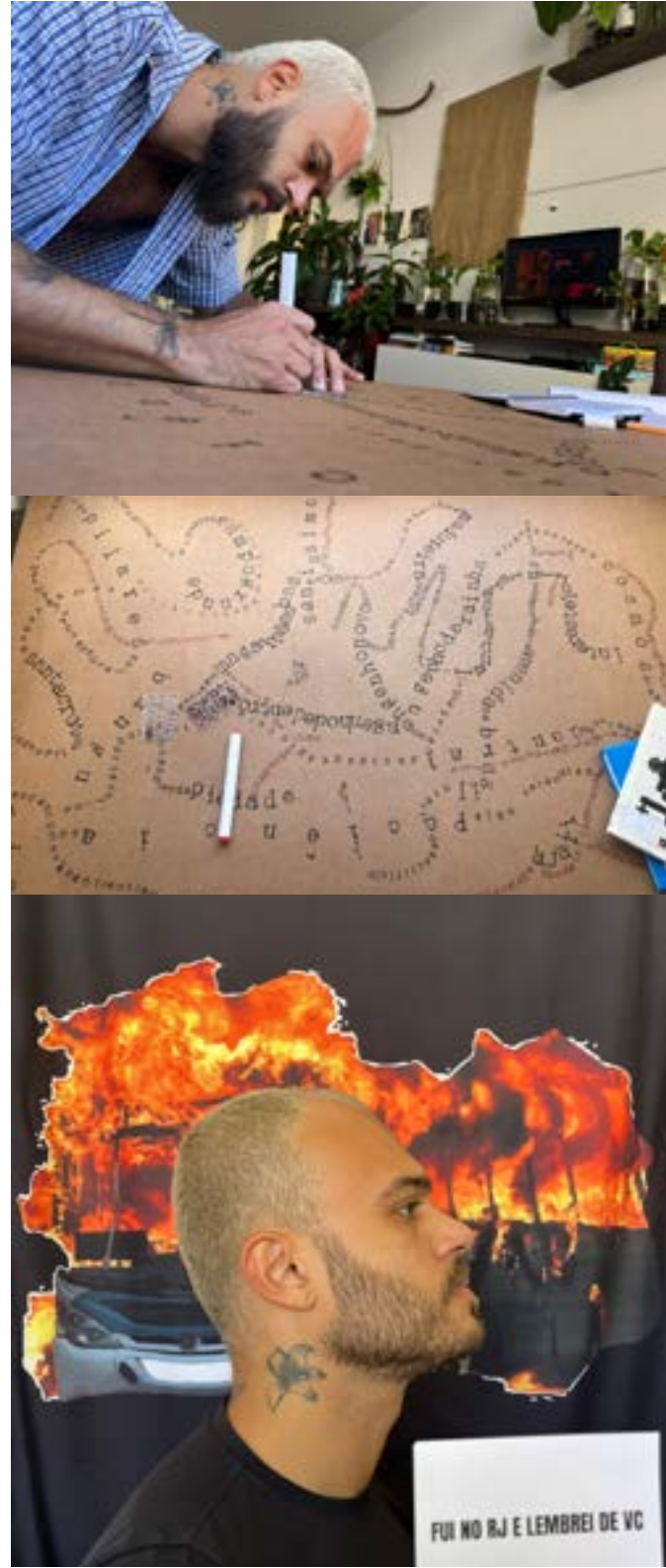
Fotografia: Mariana Dias

## Miragem

NUMA noite fria, Miranda sai do trabalho e pega um ônibus para casa. Ela entra na condução semi-cheia e imediatamente um lugar surge, ela senta pensando, vou dormir um pouco enquanto não chega meu ponto. Acontece que de tão cansada que estava, Miranda dorme demais e passa do ponto, levanta a cabeça, força os olhos, mas não sabe onde está, não conhece muito o caminho quando o ônibus passa do seu ponto, e ainda por cima de noite. Ela olha em redor, a condução já está mais vazia, ela pensa em perguntar ao motorista onde está, mas prefere não demonstrar que não sabe em que lugar está, então diz, moço, eu passei do meu ponto porque acabei dormindo, o sr. vai até o ponto final? O motorista diz, sim vou até o ponto final agora, dou uma parada lá e depois volto, então vou passar pela sua casa de novo, é só esperar, e também melhor do que você sair pra procurar outro ônibus a essa hora, né. Miranda agradece a compreensão e segue com ele.

Mas o balanço do ônibus, a noite e o cansaço fazem Miranda pegar no sono novamente. Ela acorda de repente e pensa, ainda falta um pouco pro meu ponto. Dorme mais. E quando acorda olha e reconhece o lugar, ela pensa, já passei por aqui, ah não, passei do meu ponto de novo, e estou chegando no ponto final desse ônibus mais uma vez. O motorista saindo do ônibus para entregar o expediente, olha para dentro do carro e vê Miranda, minha filha você ainda tá aqui? Miranda se desculpa, eu dormi de novo, seu motor. Seu motor responde, olha você precisa ter mais atenção, eu vou parar agora porque já tá tarde e meu horário já deu, mas o ônibus vai prosseguir viagem, você espera um pouco que o outro motorista tá chegando.

Miranda se senta novamente, o ponto final só tem o motorista e um fiscal que falam sobre futebol enquanto bebem um cafezinho doce. O motorista pergunta se ela quer um café também. Ela diz que não. Ele lá de fora





fala, toma aqui esse cobertor pra você não passar tanto frio. Ela fala, precisa não, imagina, ele insiste, ela pensa, não posso dormir outra vez, mas faz frio, ela aceita o cobertor e o café. Senta já meio deitada e inevitavelmente dorme o sono dos justos, das justas.

Miranda dorme profundamente embalada pelo balanço gostoso do ônibus, uma leve brisa sopra, as janelas parecem câmeras, parecem uma tela de cinema, a cidade passa ela adormece vendo os anúncios, as luzes, outros carros, tudo enquadrado.

Até que uma luz a incomoda, bate na cara e esquenta, ela abre um olho com muita dificuldade, é a luz do sol, já é de manhã, Miranda pensa, onde será que eu tô?, o ônibus para, novamente no ponto final, aqui é o ponto final, que ponto final diferente, ela pensa, de noite a gente não vê nada mesmo. Quando ela pensa em se levantar, um motorista a entrega um novo copo de café quentinho numa mão e um pão na chapa na outra. Ele diz, pra você, você deve tá cansada, ela olha e o motorista é lindo sob a luz do sol da manhã.

Eles continuam a viagem.

E quando ela abre os olhos novamente há um barulho forte dentro

da condução, batidas ritmadas, parece um, um samba de repente, pessoas com tamborim, pandeiro, cantando, um cavaquinho, alguém abre uma latinha e dá na mão de Miranda, aproveita que hoje é o ensaio do bloco, do bloco do passageiro, uma moça pega uma asinha de frango e bota na mão de Miranda, cheia de farofa, ole ole ole olá, eu chego lá.

Miranda pensa que nunca gostou tanto de andar de ônibus. Olha pra frente e já é outra motorista. Abre os olhos e agora está no banco de trás. Depois no banco da frente. Agora só vou saltar em frente ao trabalho.

Olha a cidade, interage com as pessoas, compra água a 2 reais pela janela, pede pro motor parar rapidinho pra ela comprar pele, está discutindo sobre o preço das passagens com as pessoas que entram no ônibus, principalmente as que saltam longe, que têm mais tempo de condução pra conversar.

Até que Miranda abre os olhos de novo e está em outra cidade, ela olha e não reconhece, e pergunta, que rua é essa?, e pergunta pela primeira vez, alguém sabe pra onde esse ônibus tá indo?, ninguém sabe, todo mundo diz que não conhece o itinerário dele todo, é nessa hora que ninguém sabe nada.





Fotografia: Fábio Souza

Miranda cansada dorme e quando acorda vê a fumaça branca que cobre o ônibus, a ponto de não conseguir enxergar do lado de fora, uma neblina, ou seria uma nuvem, ela estaria dentro do ônibus dentro de uma nuvem?, ela olha e não há ninguém mais, não há nem motorista, ela está sozinha na condução, flutuando nas nuvens, ela não sabe como sair dali, não sabe como chegou ali. Não sabe.

Ela olha pro teto do ônibus e vê, saída de emergência, e pensa, sempre quis sair por aqui. Empurra com toda força, uma duas três vezes até abrir aquela porta para o céu. Ela abre, apoia os pés nos bancos e sobe. Senta na entrada da saída de emergência, com as pernas pra dentro do ônibus. E lá de cima Miranda vê o sol, enquanto o ônibus flutua entre nuvens sobre a cidade.

Miranda sente um toque em seu ombro, alguém diz, acorda moça, acorda moça, ela acorda e olha em volta, chega aí pro lado, o rapaz reclama, tudo tinha sido um sonho? Mas onde o ônibus estava agora? Em qual altura? O ônibus está lotado, e Miranda sente falta de ar, ela olha e a avenida parada lotada de carros ônibus motos buzinando, bufando gasolina, ela quer respirar,

deseja respirar, parece que vai morrer, há quanto tempo no balanço daquela viagem, ela olha pro teto do ônibus, e vê, como no seu sonho, a saída de emergência, e pensa, eu sempre quis sair por aqui.

Empurra com toda força, uma duas três vezes até abrir aquela porta para o céu. Ela abre, apoia os pés nos bancos, nas pessoas e sobe. Senta na entrada da saída de emergência, com as pernas pra dentro do ônibus. E lá de cima Miranda vê a avenida imensa como o Brasil, o sol arde no asfalto, enquanto o ônibus não flutua, mas milagrosamente o trânsito abre, o ônibus passa, Miranda está sentada na janela do teto de emergência de um ônibus cruzando a cidade, seus cabelos estão ventando, as pessoas lá embaixo chamam ela de louca, de santa, mas ela sabe que agora é ela quem está pilotando aquele ônibus com seus cavalos de sol, ou seria aquele navio, ou seria uma nave?

Miranda não quer mais sair do transporte, não se vê mais em outro lugar, está reinando, agora mesmo, e virou santa, e vive lá em cima mirando mirando a cidade e protegendo todos os que pegam transporte público na sua cidade.

**Jesus Suave**



# LUCAS

## BEM-AVENTURADO

*Lucas Bem-aventurado (Rio de Janeiro, 1991) é artista-artesão, educador e pesquisador. Investiga relações entre estética, afeto e materialidade em territórios domésticos e públicos, explorando objetos ordinários como dispositivos de produção de presença. Sua prática articula técnicas têxteis, imagens populares e materiais do cotidiano para ativar memórias afetivas, fabular identidades e repensar modos de habitar entre o adorno e a proteção, entre a casa e a rua.*

Em nossos trânsitos cotidianos, com quantas imagens, texturas, tipografias nos deparamos pelo caminho? Muitas delas, ignoramos na correria do dia-a-dia, mas conseguimos acessar quando são exibidas em outros contextos, acumulando fortes cargas simbólicas que nos conectam a repertórios afetivos. Em *Novo Rio S. A.*, Lucas Bem-Aventura do escancara a intimidade que desenvolvemos com as materialidades que compõem o cotidiano. A partir da estética da colcha de retalhos, onde diferentes elementos se encontram de forma orgânica, promove pontos de conexão entre as experiências individuais e as memórias coletivas, com foco nas visualidades dos espaços públicos e privados das periferias.

Em *Greatest Hits of Brazilian Pop*, o artista mergulha profundamente no contato entre os afetos, as lembranças e os elementos de proteção, materializando as dimensões mais subjetivas daqueles que conduzem os nossos caminhos. Os penduricalhos compostos de diversos materiais, que muitas vezes podem ser entendidos como conflitantes entre si, provocam a sensação de pertencimento quando são anexados no instrumento da espreita e da precaução: o retrovisor. Aqui, é possível olhar para trás, mas também olhar para si. É por meio da estética do acúmulo, da confluência de camadas, e dos trânsitos entre sagrado e profano que Lucas abraça a complexidade da vida.

**Carolina Rodrigues**



Esta pesquisa parte da coleta de materiais ordinários do cotidiano para criar composições híbridas — o que chamo de “anfíbios imagéticos” — onde rua e casa deixam de ser polos opostos e se entrelaçam em experiências estéticas partilhadas. Ao reunir referências visuais e afetivas de contextos públicos e domésticos do Brasil, investigo as margens porosas onde se formam os sentidos para além da hermenêutica, num campo onde o olhar consome e os afetos são gestados nas beiradas do visível. Roupas, objetos e fragmentos de cena não apenas compõem uma narrativa: são, eles mesmos, narrativa encarnada. Ao utilizar materiais como saquinhos de pipoca, copos de laranja



### **Novo Rio S.A.**

2025

Costura, bordado, crochê e stêncil

Materiais diversos e linhas

127x230 cm



do Saara, bíblias, guias, crochês e embalagens variadas, construo um mosaico sensível — um pot-pourri visual que remete a uma coletividade forjada nas camadas da experiência cotidiana.

A aglutinação desses fragmentos evoca a lógica das colchas de retalhos: pedaços de tecidos díspares, de origens e histórias distintas, que ao se unirem compõem uma peça única, onde cada costura é também uma narrativa de pertencimento.

Essa justaposição de materialidades é tanto índice quanto imagem de uma memória comum que pulsa entre o sagrado e o profano, entre o íntimo e o coletivo.

## Lucas Bem-aventurado

### Greatest Hits of Brazilian Pop

2025

Instalação

Retrovisor e materiais diversos

Dimensões variáveis





Fotografia: Fábio Souza



Fotografia: Fábio Souza



Fotografia: Fábio Souza



# MANU GOMEZ

*Manu Gomez (Rio de Janeiro, 1999) é artista visual cuja pesquisa atravessa narrativas silenciadas, investigando as relações entre raça, trabalho e ecologia. Utiliza a criação de imagens oníricas para refletir sobre as experiências de corpos marginalizados, partindo de memórias ligadas ao mar. É aluna da Escola de Belas Artes da UFRJ e da Escola de Artes Visuais do Parque Lage (EAV). Participou das exposições “O que te faz olhar pro céu” (Centro Cultural Correios, 2024) e “De dentro aflora” (Centro Cultural Sérgio Porto, 2025).*

As obras de Manu na exposição estabelecem uma potente conexão entre a sua relação pessoal com o mar - que passa por experiências familiares até uma iniciada graduação em biologia - e o universo dos transportes públicos, que também a compõe por ser uma artista periférica.

Em *Ressurgência*, Manu traz este conceito da oceanografia - o fenômeno onde águas frias e ricas em nutrientes, provenientes das profundezas do oceano, sobem à superfície, substituindo as águas mais quentes e menos nutritivas - para falar de como o universo caótico dos modais da cidade podem ser ricos em criatividade na busca pela sobrevivência, onde cada um dá um jeito de vender seu peixe. O transporte coletivo talvez seja o lugar em que os seres humanos estejam mais próximos dos peixes em cardume, se organizando coletivamente numa intimidade radical em busca de coesão, proteção e agilidade no cotidiano. *Enlatados* é o auge dessa semelhança, quando o trem lotado deixa de ser cardume de gente e mais parece uma lata de sardinhas, um coletivo preso e esmagado prestes a ser devorado pelo capitalismo.

**Renata Sampaio**



Já existia um interesse em trabalhar com as latas, mas a residência, junto com as trocas entre artistas e curadores, me instigou a ir mais fundo e tentar entender as soluções para elas como processo de pesquisa e como linguagem artística. As latas surgem como representação do movimento e da própria estrutura — tanto física quanto simbólica — da experiência no transporte coletivo, especialmente na “sensação de estar numa lata de sardinha”, refletindo as condições precárias e a constante desconsideração com a população brasileira.

Penso nelas dentro da linguagem que a série O Sono dos Invisíveis propõe, conectando ao simbolismo em torno dos peixes e das massas empilhadas, comprimidas e invisibilizadas no cotidiano. No momento de produção, houve uma descoberta importante: o entendimento de como montar estruturalmente a obra, testando possibilidades de formas, de materiais e de aderência entre as latas. Apesar de ser desafiador, sair da estrutura tradicional da pintura em tela foi um ganho, pois me permitiu repensar a tridimensionalidade no meu trabalho e abrir novos caminhos dentro da pesquisa visual.





A pintura *Insurgência* carrega uma forte influência das experiências vividas durante a residência — não apenas na imagem, composta a partir de registros diretos, mas também na experiência em movimento, coletiva, em unidade. Nesse contexto, a metáfora do cardume me atravessa: entramos e saímos juntos, em movimentos coordenados que, mesmo partindo de deveres individuais, nos tornaram maiores do que um só.

Ao refletir sobre essas relações e a motivação por trás desses deslocamentos em sintonia, me veio o conceito de ressurgência — fenômeno que ocorre anualmente em Arraial do Cabo, quando uma corrente marítima fria, vinda do fundo do oceano e rica em nutrientes, impulsiona o deslocamento de diversas espécies oceânicas em direção à costa.

Penso que somos como esses seres: nos movemos pela cidade em ressurgência.

**Manu Gomez**



Fotografia: Fábio Souza

## Insurgência

2025

Série: O sonho dos invisíveis

Óleo sobre tela

140 x 100 cm





Fotografia: Fábio Souza

## **Enlatados**

2025

O sonho dos invisíveis  
Óleo sobre lata de sardinha  
50x30x4 cm



# DA VIGÍLIA AO TRANSE

## MERY HORTA

Andar pelas diferentes zonas da cidade do Rio de Janeiro é premissa de um corpo periférico. Para os que se arriscam a redefinir, redesenhar, reescrever as longas horas passadas dentro de um transporte público para acessar lugares, afetos, coisas, cria-se um modo de subverter o tempo e o espaço. Muitos verbos a serem conjugados na vida de quem aprende outros códigos, símbolos, modos de comportamento para transitar entre mundos dentro de uma mesma cidade. Esses corpos, nesse caso os das artistas, desenvolvem uma habilidade de se metamorfosear, jogar com os códigos e condutas locais nas fronteiras entre arte e vida. Aqui fomos em parte condutoras e em parte passageiras das pesquisas e práticas realizadas no entre. O entre como estado de presença, o entre do dormir e acordar, do sonho que está por vir quando você cochila durante uma longa viagem. O entre desse transe encadeado pela vigília que todo corpo de periferia sabe ter. O estado de concentração extrema em que você lê um livro com três vendedores falando frases diferentes na sua frente, da sinestesia de cores, cheiros, sons que nos atravessam mesmo sem desejarmos. Assim surgem mapas que imaginam o real e ao mesmo tempo outras realidades; Cores com sabores: Azul presunto, Verde cebola, Vermelho queijo, Roxo churrasco; Um cardume de gente que não sabe se sonhou em ser peixe...



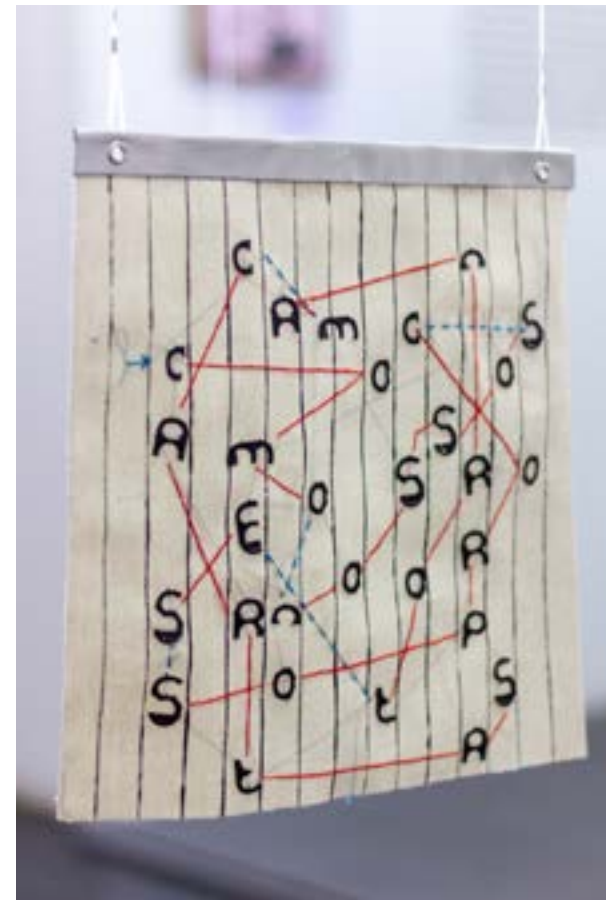
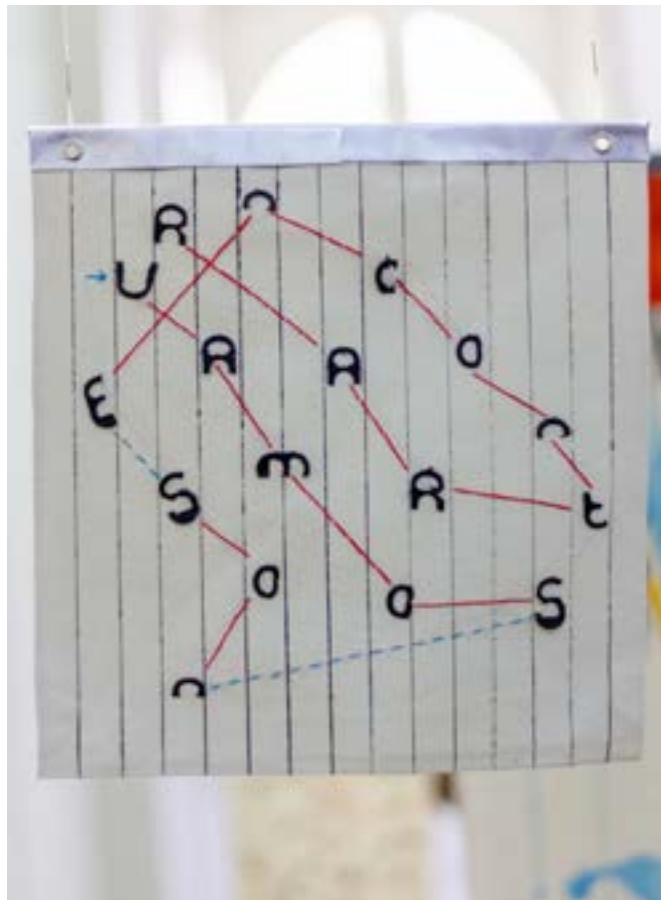
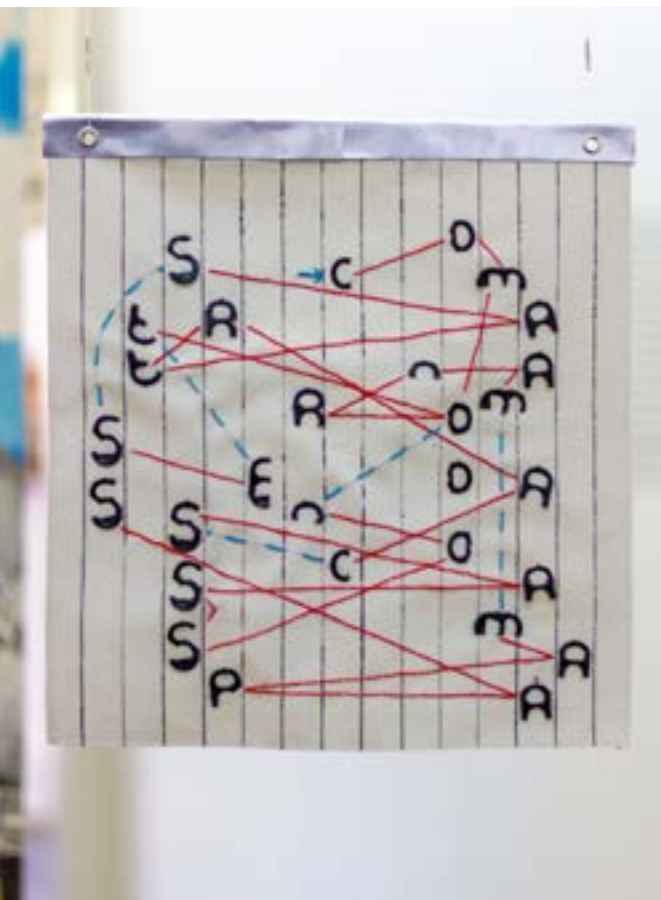
# MARIANA DIAS

*Mariana Dias (Rio de Janeiro, 1995) tem a pintura como sua principal mídia e se dedica a observação de desenhos em diferentes plataformas pela cidade, sobretudo o desenho marginal, como forma de produzir leituras e paisagens sobre o espaço e transporte público. Sua investigação é motivada por uma necessidade de delírio e quebra de convencionalismo na paisagem urbana de quem atravessa a cidade, do subúrbio ao centro, entre as pessoas e catracas. Graduada em Arquitetura e Urbanismo (UFRRJ), integrou a exposição “Buraco entre voltas” (Ateliê 397) e participou da intervenção urbana “Avenida de Possibilidades” (Galpão Bela Maré).*

O balanço do ônibus pode nos levar a diferentes lugares: onde ganhamos nosso pão, o colo da mãe, aquele local combinado para um date, uma experiência de intimidade profunda com o desconhecido que espreita nossa leitura, a dimensão onírica onde os acontecimentos se desenrolam no tempo espiralar. Nos trânsitos que acontecem entre o céu e a terra, muitas conexões podem ser encadeadas. É só fazer o sinal, que Mariana Dias nos convida a decifrar os enigmas que constrói enquanto transita pela cidade. Aqui, os lacres das latinhas encontrados pelas ruas provocam a abertura do seu inconsciente: formam códigos, cartografias e mensagens. Para encontrá-la, é necessário ser minuciosa, atentar para os detalhes, ter a curiosidade de quem escolhe desbravar caminhos sem saber onde chegar. O jogo é a troca, o contato, o encontro de quem nem precisa se olhar para saber o tanto de sonhos que pode partilhar.

**Carolina Rodrigues**





Fotografia: Fábio Souza

## O que há entre nós

2025

Bordado sobre tecido, tinta acrílica e laces de lata

Tecido brim, linha e lacre

6 peças de 30x30cm

Colaboração:

Fátima Lopes Dias e Ingrid Nascimento

## Eu e você, entre o céu e a terra

2025

Tinta spray e tinta acrílica sobre tecido

Lata de alumínio, ilhós e tecido brim

140x80cm

Colaboração:

Fátima Lopes Dias



Fotografia: Fábio Souza

## Eu e você, entre o céu e a terra

Era fim de tarde, quando voltava de 383 para casa, como todos os dias. Era 2013, quando sonhava com um grande amor que lesse comigo, na cabeceira da cama, os mesmos livros para que pudéssemos dividir pequenos universos. Mas era também nova demais para esse tipo de conquista.

Voltei mais cedo para casa, lendo o livro *Entre O Céu E A Terra*, de Edson Perrone. Era mais uma dessas abordagens generalistas dos questionamentos científicos sobre a origem do universo, que me interessava bastante.

Só no meio da viagem consegui sentar, ao lado de um menino que vestia um jaleco azul da Faetec. Abri meu livro, concentrada. Depois de alguns minutos, senti um calor estranho de um olhar. Não sabia se estava sendo observada ou se o menino de jaleco azul tava de bituca lendo meu livro. Se fosse um celular, tudo bem(?)... mas um livro?

Acontece! Todo mundo fofoca um pouco a vida do outro no ônibus, né? Não tem como negar. Pensei nisso tudo sem mover os olhos, mas voltei o foco para a leitura. Na hora de virar a página, o menino avança dois dedos sobre o canto do meu livro. Deliberadamente, sem dizer uma palavra, sem trocar um olhar, entendi: me aguarde!

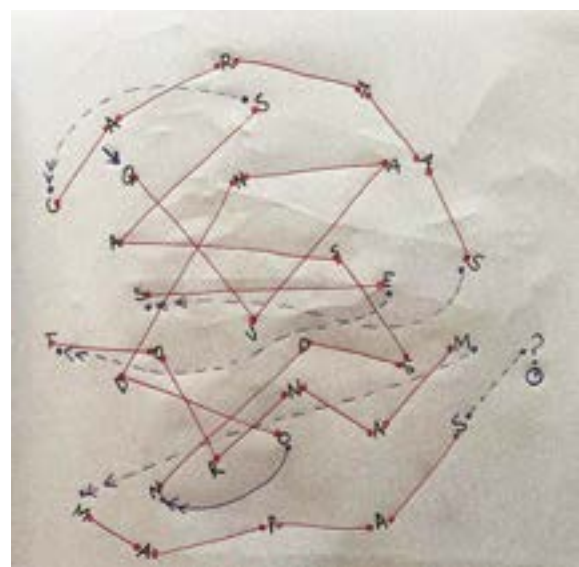
Assim, desfolhamos por volta de 10 páginas entre Quintino e Vila Valqueire, porque o trânsito estava terrível nesse dia. Virava a página devagar para que ele, desse ou não seu sinal de que podíamos continuar.

Deu minha hora. Desci no ponto de frente para aquela muralha da Vila Militar: Sem saber o seu nome, seu rosto e o que pensava sobre o livro que lemos juntos.

Foi como atravessar a cidade de mãos dadas com um estranho.

**Mariana Dias**







# MAYARA ASSIS

*Mayara Assis (Paciência, 1993) é uma mulher negra e cria da Zona Oeste, artista, educadora e produtora cultural. Nos palcos, coordena as criações no coletivo Rosas Negras e desenvolve performances solos interativas. Nas salas de aula, desde 2016, desenvolve práticas corporais, focadas em bem-estar. Atua com pesquisas acadêmicas, possui experiência em projetos culturais, festivais de dança nacionais e internacionais e desenvolvimento tecnológico. Trabalha no mundo do espetáculo e é especializada em cultura, periferias e diversidade.*



Como um fetiche flutuante, o assento é um dos itens mais desejados e disputados no final de um longo dia de trabalho para grande parte da população. Esse objeto do desejo das pernas cansadas, propiciador do curto sono, é embalado e reembalado por Mayara Assis e, ironicamente levado à contemplação. Em sua obra *Olhe para mim e vejam* somos convidados à sentar e deitar no chão, escolhendo almofadas de uma banca como quem escolhe um produto do comércio ambulante, para apreciarmos a cadeira falante. Uma cruz de vozes e sonoridades nos é oferecida por Mayara que coloca a cadeira no centro de sua obra e de sua performance *Para se demorar*. Para além de um assento, a artista traz a precarização do trabalhador informal, como os ambulantes que trabalham em pé grande parte do seu dia, carregando seus ganchos ou isopores repletos de produtos pesados, e que, quando há um breve momento e lugar vago, sentam para recompor suas energias. Mayara, com sua cadeira que paira sobre o chão, faz uma oferenda ao corpo do trabalhador sempre desejante de descanso.

**Mery Horta**



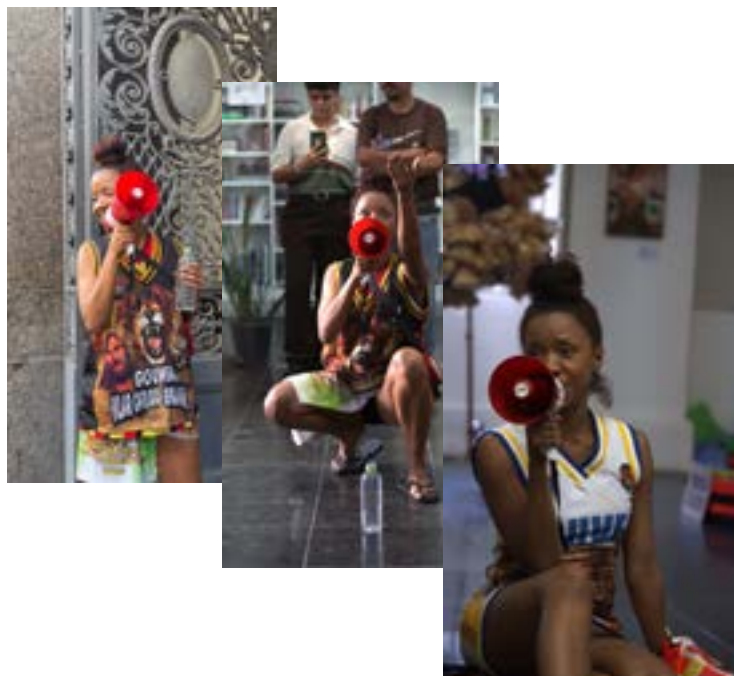
Fotografia: Fábio Souza



## Para se demorar

2025  
Dança contemporânea  
Duração: 20'

Fotografia: Fábio Souza



## Contos da contramão

2025  
Colagem multimídia  
Sampler e mixagens  
Duração: 7'

## Olhe para mim e vejam

2025  
Colagem multimídia  
Colagens têxtil e de objetos plásticos.  
Cadeira plástica, isopores, 30 almofadas pequenas e papelão.  
Dimensão variada



## Olhe para mim e vejam

Esse trabalho surge da experiência pessoal. O projeto original estava concentrado nos rituais entre a jornada e a espera. Falava de tempo e espaço em uma instalação sonora sobre dois destinos finais em uma linha de trânsito, caminhos que se cruzam ritualmente nos cotidianos, o rosto conhecido que entrou no vagão pontualmente, o som de muito tempo e o corpo meio adormecido anunciando misticamente que chegou a hora de levantar.

Eu sou Mayara, em 2025, tenho 32 anos. Sou cria de Paciência, Zona Oeste do Rio de Janeiro, sou e faço parte do território extremo que abarca 70% da proporção da nossa cidade, e estou localizada, atualmente, há 58 km do centro.

Através do transporte público, reinvento meu tempo entre as jornadas de deslocamento pela cidade. Quase todos os lugares estão à pelo menos duas horas e meia da minha posição no mapa. O que isso quer dizer?

Quero dizer que faço refeições e recupero meu sono, me alimento e sonho dentro dos transportes coletivos. Às vezes, me entrego tanto que meu corpo sobressalta e tomba para me levantar na última curva do vento, bem na lombada que fica nas esquinas de casa. Acordo e tenho que descer, tenho que correr, sempre na correria.

Divido meu escritório de criações como os que transitam, esse maior ateliê do mundo que é a rua. Meus dias são ambulantes e a mochila, uma casa.

Assim como todos, vou abrindo brechas entre as pessoas para se espremer e passar sempre com pouco espaço pelo salão do escritório, onde a recepção é absolutamente uma das mais caras. Pagamos muitos por um dos serviços mais precários.

O trem, principalmente ele, seus altos valores, longas distâncias que percorro, tempos irregulares, são minhas inspirações para essa obra tripla - de natureza performática, instalativa e sonora. Fruto de vivências e memórias vividas do terço do dia dentro do transporte coletivo, a instalação *Olhe para mim e vejam* e a performance *Para se demorar* são a visualidade dessa residência tomando forma, com elementos que investigo desde 2016.

Na parte da ativação sonora, *Cantos da Contramão*, com mixagens e samples, estudo constantemente sobre os sons ao redor e a cultura popular para compor minhas performances e espetáculos de dança. Estou apresentando pela primeira vez uma trilha que pude compor a partir de samples de referências do funk, jongo e outros samples coletados de vozes nos corredores de vagões.

Fechando a natureza tripla da obra, a musicalidade convoca memórias sonoras, um conceito que estou conduzindo a partir dos meus trabalhos artísticos em paralelo aos meus estudos acadêmicos, com olhar especial para a ideia de descolonização.

Esse conceito saltou de dentro da ideia de comunhão existencial quilombola, inspiração em uma parte do pensamento de Abdias Nascimento e outra de Beatriz Nascimento sobre o papel da cultura, da palavra, da voz e do corpo no contexto e nos conteúdos de comunidades negras que foram marginalizadas e de seus descendentes, que em um fluxo de tempo demoradamente estendido, tem sido barbarizados, banidos definitivamente ou vivendo vidas turbulentas ainda nos tempos onde estamos, perfazendo o caminho da libertação. Qual o espaço e o tempo do sonho, para os afogados dentro dos vagões? Enterrados em nossos universos particulares, preocupados e gritando pela salvação, lamentando, se redimindo e se entorpecendo na beira da estrada de ferro, onde está o tempo e a janela para sonhar e acordar para a liberdade?

O público passa e olha uma cadeira, içada, um lugar que não é o que parece ser e representa tanto a negociação

por espaço no processo de descolonização e a hipocrisia dos amontoados de resíduos coloniais que ainda atualmente podem ser vistos, por exemplo, nos vagões lotados, no terço do dia que nós deixamos neles e quase sempre para jornadas de trabalho desgastantes e parcamente remuneradas.

“Olhe para mim e veja” foi uma frase dita dentro do trem por um cidadão que entrou um pouco depois do trem sair da Central do Brasil, com destino a Santa Cruz. Captei este áudio durante a primeira viagem da nossa residência artística. Dessa primeira coleta, desdobrou-se todo o projeto e obra.

O público pode interagir com a obra a partir das almoçadas e do papelão, co-criando a organização do espaço, tomando para si e administrando seu tempo de circulação pela obra. E por fim, aproveitando a oportunidade para ceder seu lugar.

**Mayara Assis**







# MEDUSA YONI

*Medusa Yoni (Rio de Janeiro, 1997) é artista visual de Quintino, bairro da Zona Norte, produz nas linguagens de pintura, performance e instalação. Integra o Coletivo Ankara e Levante Nacional Trova. Participou das coletivas Latopá (2025), Abre Alas 19 (2024), Zonas Urbanas do Pensamento (2024) e Okará-Xirê (2023). Estudou na EAV Parque Lage os cursos de Pintura Além do Quadro, Problemáticas em Curadoria e Psicanálise e Arte.*

Medusa traz em seu trabalho uma espécie de “pedagogia camelô”, relacionando a forma como enxerga a arte e o seu fazer artístico aos aprendizados do período em que exerceu o trabalho de camelô em transportes públicos do Rio de Janeiro; trabalho esse profundamente sincronizado a Exu, entendendo o camelô como o grande comunicador, mercador e organizador dos modais da cidade, comercializando produtos, orientando pessoas, organizando o espaço e trazendo ludicidade para a viagem.

Nessa residência, Medusa foi além, criando a imagem de uma entidade sagrada e profana, sensual e alada, normalmente invisível aos nossos olhos, mas que nessa exposição se deixa ver e nos olha. Embora não consigamos ver sua face, ela nos indaga sobre a nossa relação com o mercado no transporte público. Medusa brinca com a ideia do “comércio de pele”, do tradicional petisco urbano carioca aos resquícios da escravidão existentes até hoje. Ela nos mostra o peso colonial ainda presente nos ganchos das mercadorias e na cor de quem os carrega enquanto brinca com toda a beleza, criatividade e força desses profissionais na reinvenção do cotidiano.

**Renata Sampaio**



**O navio balança e não estamos indo pra casa**

2025

Série Terra, Corpo e Memória

Foto performance

2025

45 x 30 cm

Colaboração Frederick Assis e Renan Pereira

**Pele**

2025

Série: Terra, corpo e memória

Figurino

Corrente, biscoito de pele, miçangas e sacos plásticos

180 x 150 cm



**Ainda estamos aqui**

2025

Série Terra, Corpo e Memória

Foto performance

2025

45 x 30 cm

Colaboração Frederick Assis e Renan Pereira





## O navio balança e não estamos indo pra casa

*Aqui seus diplomas são territórios imaginários,  
o pote no fim do arco-íris, abstração.*

Na intransparência dos dias, o mar de gente marca trinta, quarenta minutos de guerra fria na plataforma à espera do Santa Cruz. De longe, anunciado pelo estrondoso barulho das engrenagens; de perto, já alterando o comportamento geral, o assobio agudo do freio se torna intransponível pela cacofonia da cena. Estamos em Abya Ayala, 525 d.c (depois da colonização), no abrir das portas o início da batalha. A coreografia marcada no corpo já sabe medir no olho a conta certa do desnível entre a plataforma e o trem. Dessa vez, fui sentada. No muro da estação Central, o pixo com letra de música narra a cena: “centenas vão sentado, milhares vão em pé”; no sistema de som: “A Supervia agradece a preferência”. Entre os olhares de quem se já se afetou fisicamente, deboche e o pensamento coletivo: “...como se a gente tivesse opção”. A viagem começa; o navio balança, e não estamos indo pra casa.

São 3 horas de viagem, nos dias de sorte. O trem carrega tantas infrações da lei quanto o inferno tem de pecado numa terça-feira à tarde, rasgando a cidade e qualquer corpo estranho no caminho.

Na cabeça calculista do camelô, um problema ma-

temático: a composição parte com 8 vagões, 1600 passageiros, 26 assediadores e talvez dois policiais no horário de pico. Da Central até Santa Cruz, são 34 estações, 47 bairros, 62 favelas, 62 constituições outras que não essa. Serpenteando entre os 1600 corpos, só preciso que 200 comprem.

Entre os dentes, sussurros de orações. Depois das dez, é uma vela pra deus e uma pro diabo. Bala joyce, bala halls, latão de Brahma BRT, pele, pipoca, qualquer coisa que tire um pouco a alma do corpo, tentativa de escape à sobriedade das horas. Lê, desenha, termina um texto, estuda pra prova, só tenta, é impossível. O impossível se torna areia na mão do suburbano que tenta dobrar o tempo. Filhos (bastardos) de deus, infratores, quem garante a segurança dentro do transporte depois das onze é a mesma figura que infringe a lei pra vender doce. Por isso tem a comoção geral, seu lugar no céu e o perdão por atrapalhar o silêncio da viagem.

No chão listradinho do 383, palco e escola, performances que o cotidiano ensaia e exhibe, costuradas nesta mesma encruza, neste mesmo canal, indo pra todo lugar, indo pra lugar nenhum, trocando coisa o tempo todo com



## Meu sangue escorre nas ruas do centro

2025

Série Terra, Corpo e Memória

Foto performance

2025

45 x 30 cm

Colaboração Frederick Assis e Renan Pereira

todo mundo, codificando, precificando, calculando, comendo e andando. Pensando a composição perfeita pra expôr mercadoria, pensando estética, preenchendo todos os espaços, sobrepondo camadas, riscando, rasgando, colando, ensaiando o ofô, espraguejando e suando, dia inteirin na rua, carnaval na intendente, dia das crianças, Madureira, com ou sem criança, com ou sem plástico, pra agora ou pra levar. Negociando a visibilidade a depender da quantidade de policiais e guardas na estação, levando a língua como arma e como escudo, se contorcendo física e socialmente.

Queridinha de Exu, imune a mais um assalto, rosto conhecido da rua, dia inteirin na rua, mercadão, Central, as notas entre os dedos, máquina de estética, 6kg de moeda, nesse dia o aluguel foi pago só com moeda.

Imagino todo o suor e lágrimas do mês ensacados, suspensos num gancho gigante, um objeto corpo, vivo, que pinga sangue e não morre, igual a nós. Quanto vale? Quatro metros, 200kg de líquido e conhecimento que não tem na academia. Quanto vale?

**Medusa Yoni**

Fotografia: Frederick Assis





**REALIZAÇÃO**  
MÓ COLETIVO

**DIREÇÃO**  
Carolina Rodrigues

**COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO**  
Mery Horta

**CURADORIA**  
Carolina Rodrigues, Mery Horta, Renata Sampaio

**ARTISTAS**  
Alana Crem, Gabe Ferreira, Jesus Suave,  
Lucas Bem-aventurado, Manu Gomez,  
Mariana Dias, Mayara Assis e Medusa Yoni

**ASSISTENTES DE PRODUÇÃO**  
Gik Alves e Júlia Vicente

**PROJETO EXPOGRÁFICO**  
Júlia Vicente

**DESIGNER**  
Thiago Fernandes

**CONSULTORIA DE ACESSIBILIDADE**  
Júlia Mayer

**ASSESSORIA DE IMPRENSA**  
Marrom Glacê

**MEDIADORES CULTURAIS**  
Chic Barbosa e Matheus Valadão

**FOTOGRAFIA DAS OBRAS**  
Fábio Souza

**REVISÃO TEXTUAL**  
Ramon Castellano

**PROJETO GRÁFICO, EDIÇÃO,  
PREPARAÇÃO E REVISÃO DO  
CATÁLOGO**  
Gabe Ferreira e Mariana Dias

**CENTRO MUNICIPAL DE ARTES  
HÉLIO OITICICA**

**GESTOR**  
Renan Collier

**DIRETOR ARTÍSTICO**  
César Oiticica Filho

**ASSISTENTE DIRETOR ARTÍSTICO**  
Lucas Andreilino

**PRODUÇÃO**  
Carolina Kezen e Gabi Soledade

**PROGRAMA EDUCATIVO**  
Erika Laurentino, João Ivo e Ana Claudia

**CENOTÉCNICO**  
Cristiano Ruiz

**TÉCNICO DE ILUMINAÇÃO**  
Lucas Ataíde



**OUÇA AGORA!**  
**Máfia dos Transportes**  
**Públicos™**  
playlist colaborativa criada  
pelos residentes

Este projeto foi contemplado pelo edital  
**PRÓ-CARIOCA LINGUAGENS**  
PROGRAMA DE FOMENTO À CULTURA CARIOCA  
EDIÇÃO PNAB - POLÍTICA NACIONAL ALDIR BLANC  
CATEGORIA ARTES VISUAIS

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

In transe to. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro :  
Chatnoir Curadoria e Produção em Artes,  
2025.

Vários autores.  
ISBN 978-65-988335-0-3

1. Artes visuais - Exposições - Catálogos.

25-292420

CDD-700

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Artes visuais 700

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



Cultura

MINISTÉRIO DA  
CULTURA



